



MÁRTIRES DE NOSSO TEMPO

FESTA DA EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ (14 DE SETEMBRO)

Por Anderson Rubin

Após 58 anos de ministério sacerdotal – uma vida dedicada à Igreja e ao serviço do Senhor –, Padre Jacques havia escolhido permanecer na pequena Igreja de Saint Etienne, ao invés de se recolher na casa de repouso do clero. Aos 86 anos, ajudava o pároco celebrando missas e atendendo confissões. Naquela manhã de terça-feira, celebrava a Santa Missa para apenas quatro pessoas: duas freiras e dois paroquianos. Apenas essas quatro pessoas presenciaram o maior testemunho de fé que há: Padre Jacques deu a sua vida por amor a Jesus Cristo e morreu sobre o altar, vítima de brutal ataque de dois terroristas vinculados ao Estado Islâmico. Nesse dia, o sangue de Padre Jacques uniu-se ao sangue de Jesus Cristo num único sacrifício de amor.

No último dia 27 de julho, ao autorizar o início do processo de canonização do Servo de Deus Padre Jacques Hamel, o papa Francisco recordou “tantos outros mártires de nosso tempo”. Hoje, lugares como Iraque, Líbia, Nigéria, Uganda, Egito e Síria são particularmente hostis à fé cristã. O simples gesto de portar uma cruz ou participar da Santa Missa pode exigir em troca o preço da própria vida. Para alguns, pode parecer um preço demasiadamente alto; mas muitos preferem seguir à risca o preceito evangélico: “Quem perder sua vida por amor a mim, a encontrará!” (Mt 16,25; Mc 8,35; Lc 9,24); “Eis o meu mandamento: amai-vos como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que quem dá a sua vida por aqueles que ama.” (Jo 15,12s).

A perseguição aos cristãos, em várias partes do mundo, deve conduzir-nos a uma profunda reflexão sobre o diálogo inter-religioso e sobre a tolerância e convivência pacífica entre povos de diferentes origens, costumes e culturas. É preciso um redobrado esforço para a construção de uma cultura de paz e fraternidade. Nas palavras de Bento XVI, trata-se de promover a “inclusão relacional de todas as pessoas e de todos os povos na única comunidade da família humana, que se constrói na solidariedade tendo por base os valores fundamentais da justiça e da paz” (Encíclica *Caritas in Veritate*, nº 53).

Mesmo tendo a tolerância como valor moral e sinal de respeito pelo outro, o diálogo inter-religioso como instrumento da caridade a serviço da verdade e a construção da cultura de paz e fraternidade como ideal que norteia a ação cristã, é preciso, contudo, destacar que há um sentido escatológico na perseguição aos cristãos, isto é, um sentido que nos recorda a revelação contida no Apocalipse: que durante este tempo, o grande Dragão (Satanás, o sedutor do mundo inteiro) combate os filhos da Virgem, que dão testemunho da vitória do Cordeiro (Ap 12).

A palavra grega *Martyrium* (μαρτυριον) significa precisamente Testemunho. Assim, mártir é aquele que dá um testemunho total da própria fé. O primeiro mártir cristão foi Santo Estevão (At 6-7), ainda nos primórdios do cristianismo. Alguns deram seu testemunho com idade bastante avançada, como São Policarpo e Padre Jacques Hamel (ambos com



Foto: Site Sempre Família

86 anos); outros ainda em tenra idade, como São Tarcísio e a nossa Beata Albertina Berkenbrock (ambos com 12 anos). Além da pequena catarinense, vários outros deram a vida pela evangelização no Brasil: São Roque Gonzales, Santo Afonso Rodrigues, São João de Castilho, Beato Manuel Gonzalez e Beato Adílio Danroch, no Rio Grande do Sul; Santo André de Soveral, São Ambrósio Francisco e mais 28 companheiros no Rio Grande do Norte; Beata Lindalva, na Bahia; Servo de Deus Franz de Castro, em São Paulo; Servo de Deus Ezequiel Ramin, em Rondônia; entre tantos outros sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas.

Na espiritualidade cristã, a memória dos mártires sempre esteve presente. Desde antiga data foi inserida na celebração do Santo Sacrifício (a Oração Eucarística I recorda especialmente os santos mártires da Igreja de Roma: Pedro e Paulo, Lino, Cleto, Clemente, Sisto, Cornélio e Cipriano, Lourenço e Crisógono, João e Paulo, Cosme e Damião, Inácio, Alexandre,

Marcelino e Pedro; Felicidade e Perpétua, Águeda e Luzia, Inês, Cecília, Anastácia). Reuniram-se suas histórias nas Atas dos Mártires (Séc.II-IV) e na Legenda Áurea (Séc. XII-XIII). A leitura da vida dos mártires inspirou a inúmeros santos. E deve inspirar a cada um de nós, chamados a testemunhar a fé nos coliseus da vida moderna: no trabalho, nas escolas e faculdades, nos locais de convívio, nas redes sociais.

Enfim, recordar os mártires é reafirmar a vitória da Cruz de Cristo sobre as forças do Mal. É precisamente a Cruz do Senhor que ilumina o testemunho dado por eles. Nesse sentido, por ocasião da Festa da Exaltação da Santa Cruz (celebrada em 14 de setembro), afirmou o Santo Padre Francisco: “Daquela Cruz vem a misericórdia do Pai que abraça o mundo inteiro. Através da Cruz de Cristo, se venceu o mal, a morte foi derrotada, a vida nos foi doada e a esperança restituída. A Cruz de Jesus é nossa única e verdadeira esperança!” (Angelus, de 14.9.2014). ■

ENCÍCLICA AMORIS LAETITIA

CAP. 4: O AMOR NO MATRIMÔNIO

Por Carolina Araújo



Fotos: Freepik

No presente capítulo, o Papa faz uma exortação ao Matrimônio. Ele coloca que não se pode encorajar um caminho de fidelidade e doação recíproca, se o crescimento, a consolidação e o aprofundamento do amor conjugal e familiar não forem estimulados. De fato, a graça do sacramento do matrimônio destina-se a perfeição do amor entre os cônjuges. Amar é também tornar-se amável. O amor não age rudemente, não atua de forma inconveniente, não se mostra duro no trato. Os seus modos, as suas palavras, os seus gestos são agradáveis; não são ásperos, nem rígidos. Detesta fazer sofrer os outros. Ser amável não é um estilo que o cristão possa

escolher ou rejeitar: faz parte das exigências irrenunciáveis do amor.

Se permitirmos a entrada de um mau sentimento no nosso íntimo, damos lugar ao ressentimento que se aninha no coração. O contrário disto é o perdão; perdão fundado numa atitude positiva que procura compreender a fraqueza alheia e encontrar desculpas para a outra pessoa, como

Jesus que diz: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34). Entretanto, a tendência costuma ser a de buscar cada vez mais culpas, imaginar cada vez mais maldades, supor todo o tipo de más intenções e, assim, o ressentimento vai crescendo e cria raízes. Deste modo, qualquer erro ou queda do cônjuge pode danificar o vínculo de amor e a estabilidade familiar. O problema é que, às vezes, atribui-se a tudo a mesma gravidade, com o risco de tornar-se cruel perante qualquer erro do outro. Quando alguém sabe que sempre suspeitam dele, julgam-no sem compaixão e não o amam incondicionalmente,

preferirá guardar os seus segredos, esconder as suas quedas e fraquezas, fingir o que não é. Pelo contrário, uma família onde reina uma confiança sólida, carinhosa e, suceda o que suceder, sempre se volta a confiar, permite o florescimento da verdadeira identidade dos seus membros, fazendo com que se rejeite espontaneamente o engano, a falsidade e a mentira.

O diálogo é uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar. Mas requer uma longa e diligente aprendizagem. Além disso, é sempre necessário cultivar algumas atitudes que são expressão de amor e tornam possível o diálogo autêntico. Reservar tempo, tempo de qualidade, que permita escutar, com paciência e atenção, até que o outro tenha manifestado tudo o que precisava comunicar. Isto requer a ascese de não começar a falar antes do momento apropriado. Em vez de começar a dar opiniões ou conselhos, é preciso assegurar-se de ter escutado tudo o que o outro tem necessidade de dizer. Isto implica fazer silêncio interior para escutar sem ruídos no coração e na mente: despojar-se das pressas, pôr de lado as próprias necessidades e urgências, dar espaço. Muitas vezes um dos cônjuges não precisa de uma solução para os seus problemas, mas de ser ouvido. Tem de sentir que se apreendeu a sua mágoa, a sua

desilusão, o seu medo, a sua ira, a sua esperança, o seu sonho.

Na história de um casal, a aparência física muda, mas isso não é motivo para que a atração amorosa diminua. Um cônjuge enamora-se pela pessoa inteira do outro, com uma identidade própria, e não apenas pelo corpo, embora este corpo, independentemente do desgaste do tempo, nunca deixe de expressar de alguma forma aquela identidade pessoal que cativou o coração. Quando os outros já não podem reconhecer a beleza desta identidade, o cônjuge enamorado continua a ser capaz de a individuar com o instinto do amor, e o carinho não desaparece. Reitera a sua decisão de lhe pertencer, volta a escolhê-lo, e exprime esta escolha numa proximidade fiel e cheia de ternura. A nobreza da sua opção pelo outro, por ser intensa e profunda, desperta uma nova forma de emoção no cumprimento desta missão conjugal. O vínculo encontra novas modalidades e exige a decisão de reatá-lo repetidamente; e não só para o conservar, mas para o fazer crescer. É o caminho de se construir dia após dia.

Entretanto, nada disto é possível, se não se invoca o Espírito Santo, se não se clama todos os dias pedindo a sua graça, se não se procura a sua força sobrenatural, se não lhe fazemos presente o desejo de que derrame o seu fogo sobre o nosso amor para o fortalecer, orientar e transformar em cada nova situação. ■

PALAVRA DO DIÁCONO

RECONCILIAÇÃO

Por diácono José Paulo Pati

Depois de escrever um artigo sobre herança, “o desconforto da partilha”, em que mostro as dificuldades em repartir bens materiais, dei sequência com o artigo “Inimigos”. Neste episódio, mostro que, na maioria das vezes, os destinatários da herança tornam-se inimigos fidalgos. Encerro a Trilogia – com um artigo que chamei de “Recon-

ciliação”. Reconciliar-se com o irmão, cônjuge, outros familiares, algum amigo, um vizinho ou alguma outra pessoa, sempre é bom e necessário. Há quem carregue mágoas, rancor, ódio e amargura por toda vida porque algum dia foi ofendido e não quer perdoar, não quer conversar, não quer acertar a situação errada que aconteceu entre ele e algum outro. Quem age assim sofre mas não quer se humilhar e nem perdoar ou ser perdoado. É importante que as pessoas se reconciliem entre si, pois uma vida isolada, sem família e sem amigos não é o ideal. Deus nos criou para vivermos em comunhão, não isolados.

Existe mais uma reconciliação super necessária e mais importante. É a reconciliação com Deus. Todos nós vivemos, por natureza, rompidos com Deus; condição chamada pecado e só existe um meio para voltar a comunhão com ele: crer em Jesus Cristo como Salvador e recebê-lo como senhor da nossa vida. No Natal relembramos o nascimento de Jesus. Ele nasceu para nos reconciliarmos com Deus. Isaías 59,2 diz que os nossos pecados nos separam de Deus e por isso ele também não nos ouve. É importante nos reconciliarmos com Deus. Não podemos dar-nos ao luxo de ficar separados de Deus e nem Ele não ouvir

as nossas orações. Jesus Cristo veio a este mundo para nos conduzir de volta a Deus. Em 1º Pedro 3,18 lemos que Jesus sofreu pelos nossos pecados de uma vez por todas, o justo pelos injustos, para nos conduzir a Deus. Deus nos reconciliou consigo por meio de Jesus Cristo, mas também nos encarregou de promover a reconciliação uns com os outros, por isso reconciliar-se com Deus e também com as pessoas com quem tiver conflito. Leve também os outros a se reconciliarem com Deus e mutuamente. Não guarde rancor, reconcilie-se com Deus e com o próximo.

ACONTECEU

FESTA DA PADROEIRA

Há trinta anos, um grão de mostarda foi plantado aqui, na forma de pedra fundamental. Ninguém imaginaria que dele, o menor de todos, nasceria uma árvore tão frondosa, à sombra da qual não somente os pássaros vieram fazer seus ninhos. Quantos de nós aqui nascemos e crescemos, nos tornamos adultos, na vida e na fé, quantas famílias inteiras aqui brotaram e se multiplicaram, quantas amizades fraternas foram cultivadas e se perpetuam, quantos necessitados foram assistidos, quantos que desconheciam a Cristo foram evangelizados, quantos sacramentos foram concedidos, quantas vocações religiosas surgiram, e também quantos irmãos vimos terminar sua caminhada terrestre e partir para o Pai! Nossa comunidade paroquial ainda é jovem, mas já deu muitos frutos.

Este ano, na festa da padroeira, celebramos também os frutos desses trinta anos da nossa paróquia, com novena, procissão e quermesse. O esperado livro sobre a Coroa Mistérica foi lançado e começou a ser vendido e distribuído aos que o adquiriram na pré-venda. A cada dia da novena, um sacerdote convidado veio nos falar sobre os dogmas relacionados a Nossa Senhora e as aparições da Virgem reconhecidas pela Igreja e recebeu um exemplar do livro de presente.

As homilias foram transmitidas ao vivo e ainda estão disponíveis na nossa página do Facebook. Você também pode conferir mais fotos no nosso Flickr. Também está disponível no canal da Paróquia do YouTube e no Facebook o emocionante vídeo comemorativo dos trinta anos que foi apresentado num telão durante a quermesse.

A paz!



- (1) Dia 11 - Nossa Senhora do Pilar - Pe. Geraldo;
- (2) Dia 12 - Nossa Senhora de Guadalupe - Pe. Adriano;
- (3) Dia 13 - Nossa Senhora da Salete - Pe. Paulo Mattos;
- (4) Dia 14 - Nossa Senhora de Lourdes - Pe. Paulo Matassa;
- (5) Dia 15 - Nossa Senhora de Fátima - Pe. Marcos Sabater;
- (6) Dia 16 - Nossa Senhora Mãe do Mundo - Pe. Mateus;
- (7) Dia 17 - Maternidade Divina - Frei Fabricio;
- (8) Dia 18 - Virgindade Perpétua - Pe. Isaac;
- (9) Dia 19 - Imaculada Conceição - Pe. João Baptista;
- (10) Dia 20 - Assunção - Pe. Vinicius.



ACONTECEU

CHURRASCO DOS PAIS



Fotos: Pascom

AGENDA
SETEMBRO

BATIZADO

Os batizados ocorrerão no dia 17, às 11h. O curso de preparação será realizado no dia 8, após a missa das 19h. Mais detalhes na Secretaria da Paróquia.

FEIRA BÍBLICA

Os jovens e crianças da catequese apresentam suas atividades deste ano na Feira Bíblica, que acontecerá no dia 30, a partir das 8h30.

DICA DO MÊS

Por Stella Junqueira

Jean-Yves Leloup é escritor, teólogo e sacerdote ortodoxo. Nascido na França, na cidade de Angé, escreveu diversos livros acerca dos textos sagrados e incentiva seu público a uma ampla meditação sobre as realidades espirituais no cotidiano da vida moderna. Estimula também uma formação transdisciplinar, uma integração entre as várias dimensões do conhecimento. Um destes livros é a dica do mês: *O ícone – uma escola do olhar*.

Neste livro, Leloup aborda de maneira bem simplificada, porém ao mesmo tempo profunda, a relação que devemos ter diante de um ícone. Leloup conceitua o ícone por meio da principal diferença que possui



em relação a uma imagem religiosa. “As imagens religiosas, mesmo aquelas que, de um ponto de vista estético, são as mais bem-acabadas, permanecem na esfera do gosto e da emoção, sem necessariamente abrir a psique humana a uma transcendência. Por sua vez, o ícone,

mediante curiosos processos de cores, símbolos e perspectivas invertidas, não tem outra função além daquela de abertura à transcendência. Ele é uma escola para o olhar que do visível, de maneira paciente, nos leva ao invisível.”

No mês de agosto vivenciamos o lançamento do livro sobre a Coroa Mistérica de nossa Paróquia, composta por 15 ícones que configuram a vida antes e após a crucificação do Cristo, desde a Anunciação do Anjo à Assunção de Maria. Nada mais justo do que a possibilidade de termos em mãos um livro que, de maneira prática, nos ensina a ler um ícone. Pois, como disse Leloup, “da mesma maneira que existem várias formas de olhar o mundo, há várias formas de “ler” e de interpretar um ícone. As “leituras de ícones” propostas neste livro têm por objetivo mostrar-nos as tradições nas quais foram concebidos e, também,

iniciar-nos na prática visionária que os inspirou.”

Em função disso e de toda a sacralidade que existe em torno de um ícone, sua execução não é feita por qualquer pessoa e nem de qualquer maneira. Existe todo um preparo físico e espiritual para se escrever um ícone, uma vez que não é apenas uma pintura religiosa, mas a própria Palavra de Deus, que leva o observador a uma experiência que transcende aquilo que se vê.

Leloup conclui dizendo que “o ícone nos introduz em um mundo que não é o da matéria, nem o do Espírito, mas um mundo composto sem a fusão dessas duas dimensões do real. Ele não narra uma história (a dos diferentes momentos da vida do Cristo e dos santos), ele não é um quadro de tema religioso: é uma visão do mundo transfigurado. O ícone é um anjo! Mais que uma mensagem, é um mensageiro.” ■

+ KERIGMA

Perdeu alguma edição do Kerigma ou quer reler algum texto? As edições passadas estão disponíveis no nosso site, na aba Kerigma. Se tiver alguma sugestão de pauta ou quiser publicar um texto nas nossas próximas edições, procure a Pascom no e-mail: pascom@pnse.com.br. E não se esqueça de seguir as nossas redes sociais.

ParoquiaNossaSraEsperanca

@nsraesperanca

EXPEDIENTE

Paróquia Nossa Senhora da Esperança

EQN 307/308 s/n, Asa Norte, Brasília – DF CEP 70746-400 – Fone: (61) 3273-2255

Missas: Segunda, Terça, Quinta, Sexta e Sábado – 19h | Quarta – 7h | Domingo – 7h30, 9h30 e 19h

Secretaria: Seg – 14h às 19h | Ter, Qui e Sex – 9h às 12h e 14h às 19h |

Qua – 9h às 12h e 14h às 17h | Sábado – 9h às 12h

Confissões: Terça e Quinta – 17h às 18h30 | Quarta – 10h às 12h | Sexta – 16h às 18h30

Kerigma – Edição Setembro 2017

Pároco: Pe. Geraldo Cardoso

Vigários: Pe. Bernardo William Echeverry e Pe. Vinicius de Lima Podda

Diácono: José Paulo Pati

Produção: Pastoral da Comunicação

Fale com a Pascom: pascom@pnse.com.br